

digital

ARTE PÚBLICA NA ERA
DA CRIATIVIDADE DIGITAL
ATAS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL 2017

PUBLIC ART IN THE
DIGITAL CREATIVITY ERA
INTERNATIONAL CONFERENCE
PROCEEDINGS 2017

Eds. **José Guilherme Abreu · Laura Castro**
VOLUME II





*ARTE PÚBLICA NA ERA DA CRIATIVIDADE DIGITAL—ATAS DO
COLÓQUIO INTERNACIONAL 2017 (VOL.I E VOL.II)
PUBLIC ART IN THE DIGITAL CREATIVITY ERA—INTERNATIONAL
CONFERENCE PROCEEDINGS 2017 (VOL.I E VOL.II)*
JOSÉ GUILHERME ABREU; LAURA CASTRO [EDS.]

© Universidade Católica Editora . Porto
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Coleção · e-book
Coordenação gráfica da coleção · Olinda Martins
Capa · Olinda Martins
Imagem capa · Duarte Silva
Paginação do miolo · Ângela Monteiro

Data da edição · dezembro 2017
Tipografia da capa · Prelo Slab / Prelo
ISBN · 978-989-8835-38-3

NOTAS PARA UM MAPA DA ARTE PÚBLICA JUNQUEIRIANA. O BUSTO DE JUNQUEIRO EM FREIXO DE ESPADA À CINTA

HENRIQUE MANUEL PEREIRA

CITAR - EA, UCP - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes;
Escola das Artes - Universidade Católica Portuguesa

RESUMO

A comunicação que agora se propõe gira em torno das vicissitudes e representações simbólicas de um busto de Guerra Junqueiro, em bronze, da autoria de Mestre Teixeira Lopes, porventura a última obra do escultor, falecido 21 de junho de 1942. Resultante de uma subscrição pública, colocado no Largo Dr. Guerra, frente da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, o busto foi inaugurado em 15 de setembro de 1950, data da abertura oficial das celebrações do centenário do nascimento do Poeta de "Os Simples", com a presença de representações do governo e de instituições internacionais, ao som de bandas de música e com uma avioneta lançando flores.

A ideia de erigir, na sua terra natal, um monumento à memória de Guerra Junqueiro remonta a 1938. Por finais de novembro, inícios de dezembro daquele ano o busto encontrava-se em processo de fundição. Foram doze, portanto, os anos passados até à sua inauguração...

PALAVRAS-CHAVE

Guerra Junqueiro; Teixeira Lopes; Busto; Arte Pública.

391

ABSTRACT

This paper addresses the vicissitudes and symbolic representations of a bust of Guerra Junqueiro, in bronze, by Mestre Teixeira Lopes, perhaps the last work of the sculptor, who died on June 21st, 1942. As a result of a public subscription, the sculpture was placed at Largo Dr. Guerra, in front of the Town Hall of Freixo de Espada à Cinta, in the north of Portugal. The inauguration took place on September 15th, 1950, the official opening date of the celebrations of the centenary of the birth of the Poet of "Os Simples", with the presence of members of the government and of international institutions, to the sound of music and with a small plane throwing flowers.

The idea of erecting, in his birthplace, a monument to the memory of Guerra Junqueiro goes back to 1938. By the end of November, beginning of December of that year the bust was in the process of casting. It was twelve, hence, the years passed until his inauguration...

KEYWORDS

Guerra Junqueiro; Teixeira Lopes; Bust; Public Art.

Será discutível que um mapa da arte pública em torno de Guerra Junqueiro (1850-1923) integre a estátua do poeta modelada em bronze por Leopoldo de Almeida (1898-1975), inaugurada, em ambiente quase familiar, em 17 de setembro de 1973, no Jardim da Casa-Museu Guerra Junqueiro, à Sé, no Porto¹.

¹ Cf. "Junqueiro 'regressou' à sua casa junto à Sé". *Jornal de Notícias* (18 setembro 1973), p. 1, col. 1-3; 3, col. 3-5. Contrariando o que ainda hoje por vezes se afirma e escreve, nunca aquela casa foi propriedade de Guerra Junqueiro nem nunca o poeta sequer ali habitou.

E que dizer daquela outra da autoria de Lagoa Henriques (1923-2009) modelada no seu atelier de Belém, depois fundida em bronze em Vila Nova de Gaia e inaugurada a 19 de janeiro de 1968, no jardim da Praça de Londres, virado à avenida que tem o seu nome, em Lisboa? Conquanto situada em espaço público, pode a peça inscrever-se no conceito de arte pública?

Maior consenso de inscrição, no que toca a um roteiro de arte pública junqueiriana, reuniria porventura a “biobibliografia” de Guerra Junqueiro plasmada num conjunto de mais de três dezenas de lápides em granito, incrustadas no chão e dispostas cronologicamente, em pleno centro cívico de Freixo de Espada à Cinta. À primeira lápide – onde, no topo e com destaque, se lê o nome de “Guerra Junqueiro / Freixo de Espada à Cinta / 15 de setembro de 1850 / Lisboa 7 de julho de 1923” – seguem-se, por ordem cronológica, as obras e opúsculos do poeta (em duas linhas, constando na primeira o título e, por baixo, o ano de publicação).

Tal conjunto, configura o que se denomina por “Passeio de Junqueiro” e foi uma iniciativa da autarquia de Freixo, com Edgar Gata na presidência, para assinalar a efeméride dos 80 anos da morte do poeta de *A Velhice do Padre Eterno*. Inaugurado em finais de 2003, situa-se portanto, cronologicamente na contemporaneidade.



Figura 1 – Uma das lápides do denominado “Passeio de Junqueiro” – Freixo de Espada à Cinta, 2003.

Mas, a este propósito, terão talvez relevância duas notas: não se descobre ali um sítio verdadeiramente assumido, por parte dos freixenenses, como lugar da memória de Guerra Junqueiro; por outro lado, não se nota nem consta que aquele “passeio de Junqueiro” tivesse sido ou seja promovido – mesmo sob o ponto de vista do tão propalado património ou simples turismo cultural – pelas subsequentes presidências da câmara de Freixo de Espada à Cinta, terra natal do poeta de *Os Simples*².

Pese embora uma presumível maior concordância, poderá aquele “passeio” integrar-se de modo pacífico num ortodoxo roteiro da arte pública alusiva a Guerra Junqueiro? Faria triste figura aos meus próprios olhos e tornar-me-ia ridículo aos olhos de quem me lê se polemicasse contra aqueles que o neguem.

² Prova eloquente do que se acaba de afirmar, descontando já a lápide atribuída ao “Balanço Patriótico / 1891”, será o facto de não ter havido ainda interesse ou oportunidade de corrigir para 1888 o ano de publicação de *A Lágrima*. Pese embora uma chamada de atenção, em 2015 e outra em 2017, na lápide respeitante àquela composição mantém-se erroneamente o ano de 1885.

Não me sinto competente para tal, sabendo de antemão que não iria além de uma tagarelice mais ou menos erudita. Não se trata, pois, de problematizar o conceito de arte pública³, por si mesmo refratário à consensualidade, mas tão só de contribuir para a sua discussão e, quiçá, suscitar o que vimos designando por mapa da arte pública junqueiriana.

Do mesmo ponto de vista, igualmente na vila de Freixo de Espada à Cinta, e na esfera do espaço público, impõe referência e desenvolvimento o busto de Guerra Junqueiro, peça da autoria de Teixeira Lopes (1886-1942), com grande probabilidade o último trabalho do escultor de Vila Nova de Gaia.

Não admira que os conceitos de memória e de identidade, fundamentais na estrutura e na legitimação do discurso sobre o Património Cultural, perpassem os conteúdos dos documentos normativos daquele universo. Mas o busto de Guerra Junqueiro, inaugurado em Freixo de Espada à Cinta em 15 de setembro de 1950, data da abertura oficial das comemorações do centenário do nascimento do Poeta, considerando mesmo um alargamento a dimensões intangíveis, não se confina ao estrito âmbito da estatuária nem do Património Cultural.



Figura 2 – Inauguração do busto de Guerra Junqueiro, obra de Teixeira Lopes, em Freixo de Espada à Cinta, em 15 de setembro de 1950.

Erigido no local conhecido por Melgago ou Boble e, pelos primeiros anos da República, designado de Largo Doutor Manuel Guerra, ficou até hoje “a designar-se também por Poeta. Passou a dizer-se: ao Poeta, no Poeta, Jardim do Poeta – Tudo Poeta”⁴. Adquirido pelos freixenistas por dinâmica e entusiasta subscrição pública, e ainda que remonte ao segundo quartel do século XX português, configura, a meus olhos, um caso notável de arte pública participativa.

³ A respeito do qual se sugere a leitura de ABREU, José Guilherme, “Arte Pública: Origens e condição histórica”. In ABREU, José Guilherme; CASTRO, Laura (Coord.), *Arte Pública e envolvimento comunitário: Atas do Colóquio Internacional*. Porto: Universidade Católica Editora - CITAR, 2013, pp. 11-33.

⁴ Cf. PINTADO, Francisco António, “Junqueiro: ‘O Poeta’ por antonomásia”. In PEREIRA, Henrique Manuel, *Para que o futuro tenha memória: Guerra Junqueiro*. Porto: Alforria-Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, 2017, pp. 182-183.

Não se trata apenas de luta da memória contra o esquecimento. Naquele busto e lugar se encontrou e tomou voz um povo e quantos dos seus membros, em diáspora, além Atlântico, para ele quiseram contribuir. No plinto de granito que o suporta, da autoria do arquiteto Cruz Lima, pode ler-se “Ao / Poeta / Guerra / Junqueiro / homenagem / do povo de / Freixo / 1950”. Lugar de memória, afirmação e convívio, no espaço fronteiro ao busto, entre os dias 1 e 3 de junho de 2017, se organizou, não por acaso, portanto, a primeira edição de o Freixo Festival Internacional de Literatura (FFIL).

Nunca, a nosso conhecimento, se fez uma cronologia sequer sumária daquele busto. Permita-se-me, pois, um desprezioso contributo. A ideia de erigir, em Freixo de Espada à Cinta, um monumento à memória de Guerra Junqueiro remonta a 1938, data em que, para aquele efeito, se constituiu uma comissão⁵ a funcionar nos Paços do Concelho. Não sendo mais do que o “pagamento duma dívida de gratidão”, para ali se poderiam dirigir “todos os transmontanos” que quisessem “contribuir com o seu apoio moral e material para a homenagem a prestar ao grande poeta dos *Simples*”⁶. Em setembro daquele ano encontra-se notícia de que o escultor António Teixeira Lopes trabalha no busto de Guerra Junqueiro, destinado à terra natal do poeta⁷.



Figura 3 – Aspeto do busto de Guerra Junqueiro, do escultor Teixeira Lopes, no atelier. Finais dos anos 30 do século XX.

Tudo avança de forma célere, com a intermediação de Manuel Sarmiento Rodrigues e o acompanhamento de Maria Isabel Guerra Junqueiro, filha mais velha do poeta. Assim se depreende da correspondência inédita trocada entre M. Sarmiento Rodrigues e o escultor de Gaia.

Para Lisboa, em bilhete-postal, datado de S. Mamede de Riba Tua, Casa da Obra, Linha do Douro, enviado para Lisboa, a 3 de outubro de 1938, Teixeira Lopes comunica “que a Ilustre Filha de Junqueiro teve a bondade de ir ver o busto, e parece que gostou”. De Gaia, a 29 do mesmo mês e ano, Teixeira Lopes remete:

“uma prova do busto com as dimensões exatas marcadas: altura do busto 0,95, largura 0,74, e na base, em quadrado 0,50. Julgo que nada mais é necessário indicar, visto que, tratando-se de Baltazar de Castro, um artista distintíssimo, verdadeiramente talentoso e com o mais elevado critério, não precisa que eu diga

⁵ Formada por António Augusto Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal, Francisco Fernandes Massa, Júlio Meireles Guerra e António Pinto Capelas.

⁶ Cf. [Sem título]. *Diário de Lisboa* (12 maio 1938) p. 1, col. 1.

⁷ José Magro, “Uma visita ao museu Teixeira Lopes”. *O Século Ilustrado* (24 setembro 1938).

seja o que for; ele fará em proporções e harmonia de conjunto, uma coisa que, certamente, há de agradar a todos”.

E, na mesma missiva, acrescenta:

“Julguei compreender em Freixo que só terá lugar a inauguração da nossa obra, quando estiver concluído o edifício da Câmara. Será assim? Na fundição do bronze, não haverá grande demora, questão de dois ou três meses. “

Sabe-se que, por finais de novembro, inícios de dezembro daquele ano, o busto de Junqueiro se encontra em processo de fundição⁸; e que, dois anos após, em maio de 1940, o jornal *O Século* publica uma fotografia da peça, falando já na sua inauguração⁹.

Entretanto, em 21 de junho de 1942, dá-se o falecimento de Mestre Teixeira Lopes e, fazendo fé no correspondente de Freixo de Espada à Cinta para o jornal *Mensageiro de Bragança*, só a 20 de março de 1943 o busto de Junqueiro chega à sua terra natal¹⁰. Dois dias depois, a partir de Freixo, o correspondente de *O Primeiro de Janeiro* dá conta de ter visto o busto de Junqueiro “na Delegação de Saúde, onde espera a construção do plinto para a sua ereção”, acrescentando que “agrada a todos quantos o vêem”¹¹.

O busto terá sido depois trasladado para um salão dos Paços do Concelho de Freixo de Espada à Cinta. Nova alusão à obra de Mestre Teixeira Lopes, no ano de 1945, quando, por finais de fevereiro, as autoridades do distrito da Guarda visitaram a vila. Após almoço na Quinta da Batoca, encontraram-se com António Augusto Rodrigues, presidente da Câmara, e num salão onde “se encontra um busto de Guerra Junqueiro depositaram um ramo de flores.”¹² Ao gesto seguiu-se porventura um período de pó e relativo esquecimento.

No *Aurora do Lima*, edição de 21 de maio de 1946, António Augusto Rodrigues, presidente da Câmara de Freixo, faz saber que o busto se encontra “condignamente guardado num dos melhores compartimentos do novo edifício dos Paços do Concelho” e que por indicação de Teixeira Lopes e do arquiteto Baltazar de Castro, “foi escolhido para colocação do plinto o largo fronteiriço ao edifício do Município”, estando “encarregado de organizar o projeto de urbanização deste Largo o arquiteto Cruz Lima” e que “só depois de efetuadas estas obras, que se prolongarão por cerca de dois anos, se poderá colocar, no local indicado, o busto de Guerra Junqueiro”¹³. 395

Entretanto, na Europa, rebentou e sarou a guerra e Portugal viveu “a irritante escassez da neutralidade”, na expressão de Agustina Bessa-Luís. Passaram doze anos até que, em 15 de setembro de 1950, se efetivasse a inauguração do busto, com representação política do Presidente da República, na pessoa do ministro das Colónias, a presença dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional, de escritores, críticos literários, autoridades civis e militares, etc. Do Brasil, estiveram representantes do Centro Transmontano do Rio de Janeiro e do Centro Transmontano de S. Paulo. Deste último, à comissão pró-monumento, chegara também a quantia de cinco mil escudos. Segundo a imprensa da época, a multidão cumprimia-se; antes dos discursos, subiram ao ar girandolas de foguetes e uma avioneta civil sobrevoou o local, a pouca altura, deixando cair flores.

É provável que naquele busto, sob um céu de séculos, se encontre e diga um povo.

⁸ “Belas Artes: estatuária e pintura”. *O Primeiro de Janeiro* (10 dezembro 1938), p. 14, col. 1-6.

⁹ “Os restos mortais do poeta dos “Simples” serão hoje trasladados para a sala do capitulo no Mosteiro dos Jeronimos”. *O Século* (30 maio 1940).

¹⁰ Cf. “Por terras de Bragança: Freixo de Espada à Cinta”. *Mensageiro de Bragança* (1 abril 1943), p. 3.

¹¹ “Busto de Junqueiro”. *O Primeiro de Janeiro*. (25 março 1943), p. 5, col. 8.

¹² “As autoridades do distrito da Guarda visitaram Freixo de Espada à Cinta”. *Novidades* (1 março 1945)

¹³ *Idem*, “A casa de Junqueiro”. *Aurora do Lima* (21 maio 1946), p. 1, col. 1-2.